

Pygmalion

Raphaël Pichon

Mein Traum



GULBENKIAN
MÚSICA

22 out 22

Pygmalion

Raphaël Pichon Direção

Stéphane Degout Barítono

Judith Fa Soprano

Bertrand Couderc Luz

THRÈNES / LAMENTOS

Franz Schubert

Coronach D. 836 (orq. Robert Percival)

Lazarus D. 689: "Wo bin ich... O könnt' ich"

Alfonso und Estrella D. 732: "Zur Jagd"

Alfonso und Estrella D. 732: "O sing mir, Vater... Der jäger"

MIRAGES / MIRAGENS

Franz Schubert

Der Doppelgänger D. 957 (arr. de F. Liszt, S. 375)

Sinfonia n.º 8, em Si menor, D. 759, "Incompleta"

1. *Allegro moderato*

Carl Maria von Weber

Oberon J. 306: "O wie wogt es sich schön auf der Flut"

Franz Schubert

Sinfonia n.º 8, em Si menor, D. 759, "Incompleta"

2. *Andante con moto*

Robert Schumann

Meerfey, op. 69 n.º 5

Carl Maria von Weber

Euryante J. 291: "Wo berg' ich mich... So weih' ich mich"

MORT ET TRANSFIGURATION / MORTE E TRANSFIGURAÇÃO

Franz Schubert

Alfonso und Estrella D. 732: Introdução do 3.º ato

Gruppe aus dem Tartarus, D. 583 (arr. de J. Brahms)

Lazarus, D. 689: "Sanft und still"

Robert Schumann

Szenen aus Goethes Faust: "Hier ist die Aussicht frei"

Franz Schubert

"Gott ist mein Hirt", D. 706 (Salmo 23)

Este espetáculo inclui a utilização de luzes estroboscópicas, que poderá ser contraindicada para espectadores com epilepsia fotossensível.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 35 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Mein Traum / O Meu Sonho

Mein Traum é o título que Ferdinand Schubert atribuiu a um texto datado de 1822, escrito pelo irmão. Num relato que emula a transcrição de um sonho, o narrador banido pelo pai vivencia um duplo exílio: “Cantei *Lieder* durante muitos e demorados anos: quando me propunha cantar o amor, este convertia-se em sofrimento; se me dedicava a cantar a mágoa, esta transformava-se em bem-querer.” O *Wanderer*, a figura tipicamente schubertiana do caminhante, expressa-se desta forma através de um canto que utiliza a ambivalência para dar voz à insatisfação perpétua e à ausência de uma verdadeira pátria neste mundo onde habitamos.

“*Numa terra distante...*”

Tal como no sonho de Schubert, as peças incluídas neste programa colocam diferentes espaços em oposição. No início do segundo ato de *Lazarus* (1820), a oratória incompleta de Schubert, Simão, o saduceu, encontra na morte o único caminho de saída de um “mundo de miséria”. No relato da “filha das nuvens” narrado por Froila, pai do herói de *Alfonso und Estrella* (1822), um castelo imaginário é o refúgio que permite estar longe do “sonho impreciso dos padecimentos terrenos”. E o salmista cujas palavras Schubert transpõe para música (Salmo 23 “O Bom Pastor”, 1820), descreve os “verdes pastos” e os “riachos tranquilos” prometidos ao crente, longe do “vale da sombra da morte”. Deste modo, quer sejam lendários, metafísicos ou ainda

mitológicos, espaços para além do mundo material são descritos recorrendo ao canto. Como Loreley, do célebre poema de Heine, as sereias, ninfas e outras ondinas caras aos românticos alemães usam-nos para ludibriar os mortais: é com a sua voz que a “filha das nuvens” de Schubert e a “Meerfey” de Schumann constroem o mundo ilusório onde se perdem caçadores e marinheiros. Na peça de Schumann, o caráter simultaneamente sedutor e fugaz da ilusão manifesta-se numa escrita que esconde os seus próprios contornos: as cinco vozes cruzam-se e as frases sobrepõem-se, como que para confundir quem ouve.

Através do desenho de um espaço longínquo, o canto reflete um outro tempo. A repetição é um elemento primordial: cantar uma mesma melodia em diferentes estrofes é o que caracteriza o *Lied* – “canção” em alemão – na sua forma mais simples. São disso testemunhas o coro fúnebre de *Lazarus* (“Sanft und still”), o canto das sereias (“O wie wogt”) em *Oberon* de Weber (1826) ou ainda, no primeiro ato de *Alfonso und Estrella*, o coro “Zur Jagd, zur Jagd!”. Estes dois últimos exemplos fazem parte do enredo de uma ópera, sem influência no curso da ação: manifesta-se aqui um cenário característico da ópera romântica – o das sereias ou da caça. E entretanto, este enquadramento exterior reflete-se na essência das personagens: desta forma, no final do coro das caçadoras, Schubert

entrega o toque das trompas ao solo de clarinete, como forma de preparar a entrada de Estrella.

Espaço do Lied, lugar da cena

Ainda em *Alfonso und Estrella*, a “canção da filha das nuvens” é um caso mais complexo. Utilizando a narrativa, a música assemelha-se antes a uma sucessão de *Lieder* – um deles, o que descreve a ascensão do caçador ao castelo, seria aliás matéria musical para um *Lied* autónomo na *Viagem de Inverno* (n.º 19, “Täuschung”: ilusão). A música da primeira estrofe só reaparece quando o herói petrificado se transforma numa personagem lendária. Por seu lado, a queda final inclina-se para a ópera: o canto torna-se declamação e a harpa que acompanhava Froila desaparece por detrás da orquestra.

Com efeito, esta movimentação do *Lied* em direção ao drama é em grande parte conseguida através do acompanhamento: assumindo o lugar do piano, a orquestra eleva o *Lied* para além da esfera íntima e privada do salão. Foi a pedido do barítono Julius Stockhausen que no início dos anos 1860 Brahms orquestrou vários *Lieder* de Schubert. Um decénio depois, no período em que compõe a sua *Triumphlied* e a sua *Schicksalslied*, confiou a um coro masculino em uníssono a componente vocal do seu arranjo do “Grupo do Tártaro” (1817). Os trémulos do piano que abrem este fresco impressionante sugerem ao orquestrador um bramido de cordas e ataques de metais: aqui ao serviço das imagens desenvolvidas por Schiller – “mar enfurecido”, “gemendo”... –, estes artifícios são frequentes na ópera; encontramos-los

em Weber, na ária de vingança de Lysiart que abre o segundo ato da “grande ópera heróico-romântica” *Euryanthe* (1823). Liszt, que dirigiu a estreia de *Alfonso und Estrella* em 1854, recorre igualmente a esse artifício na sua orquestração de “Doppelgänger” (1828) de Schubert para sublinhar a progressão dramática do poema de Heine. Desta feita, a imagem que se forma é uma duplicação do próprio narrador, “simulando o sofrimento do seu amor”.

Nas *Cenas do “Fausto”*, de Schumann, o uso das tessituras vocais dissolve igualmente a identidade dos personagens: ambos confiados a um barítono, os papéis de Fausto e Mefistófeles parecem amalgamar-se. Na terceira parte da obra, dedicada à transfiguração do herói (secção também criada por Liszt em Weimar, em 1849), é sob a aparência do Doutor Marianus que o sábio canta a glória da “Rainha dos Céus”. Com efeito, apesar da tendência operática, estas *Cenas* para solistas, coro e orquestra libertam-se da representação teatral: a escala desmesurada e o desdobramento dos locais de ação submergem o drama goethiano.

Do sonho ao fragmento

À imagem desta explosão cénica, a ausência de contornos claros que caracteriza o sonho ou a visão exprime-se igualmente no elemento fragmentar e inacabado. A frase da trompa que introduz a ária das sereias no segundo ato de *Oberon* de Weber é deste modo interrompida por um silêncio após três compassos (Puck chama aqui a atenção de Oberon para a presença das sereias). De forma similar, no *Allegro moderato* da sua Sinfonia “Incompleta” (1822), Schubert interrompe o tema

das cordas mesmo antes da sua conclusão. Gesto musical e obra deixada em suspenso constituem como que níveis de “inacabamento”. Deve dizer-se, aliás, que as composições inacabadas de Schubert são inúmeras, desde a cantata *Lazarus* a diversas tentativas de ópera; *Alfonso und Estrella* é a única ópera totalmente cantada concluída pelo compositor.

O agrupamento Pygmalion tira aqui partido da desagregação para delinear passagens de uma música para outra: o fim suspenso da ária das sereias de *Oberon* dá imediatamente lugar ao movimento lento da “Incompleta”, ao passo que a introdução do terceiro ato de *Alfonso und Estrella* serve de prelúdio ao “Gruppe aus dem Tartarus”. E assim se faz eco do sonho de Schubert: “Quando queria cantar o amor, este convertia-se em sofrimento. E se me dedicava a cantar a mágoa, esta transformava-se em bem-querer”.

NICOLAS BOIFFIN
COM PERMISSÃO DE HARMONIA MUNDI FRANCE © 2022
TRADUÇÃO: ONOMA

Raphaël Pichon

Raphaël Pichon nasceu em 1984 e fez a sua formação em canto, violino e piano em Versalhes e no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Enquanto jovem contratenor, colaborou com Jordi Savall, Gustav Leonhardt, Ton Koopman e Geoffroy Jourdain. Em 2006 fundou o coro e a orquestra de instrumentos de época Pygmalion. Com um trabalho sedimentado não só na fusão entre coro e orquestra, mas também na abordagem dramaturgicamente em concerto, as várias propostas do projeto Pygmalion foram de imediato reconhecidas em França e no estrangeiro. Na qualidade de maestro convidado, Raphaël Pichon estreou-se no Festival de Salzburgo em 2018. Apresentou-se também na Philharmonie de Paris, no Bozar de Bruxelas, no Konzerthaus de Viena, na Philharmonie de Colónia, no Palau de la Musica Catalana de Barcelona, em Hong-Kong e em Pequim. Nos palcos de ópera, dirigiu várias produções na Opéra-Comique, no Festival Lyrique d'Aix-en-Provence, na Ópera de Amesterdão e na Ópera Nacional de Bordéus. Em 2020 criou o festival *Pulsations*, em Bordéus. Estreou-se no Festival d'Aix-en-Provence em 2014, tendo então dirigido *Trauernacht*, projeto em torno das cantatas de Bach que foi apresentado na Fundação Gulbenkian em 2015. Os projetos seguintes incluíram: *Orfeo* de L. Rossi, na Ópera Nacional da Lorena e na Ópera de Versalhes (2016); *Vespro della Beata Vergine* de Monteverdi, no *Holland Festival*, nos *BBC Proms* e no *Bachfest de Leipzig* (2017); uma produção de Simon McBurney de *A flauta mágica* de Mozart (2018); e a encenação de *Romeo Castellucci* do *Requiem* de Mozart (2019). Na temporada 2021/22, dirigiu o Pygmalion numa nova produção de *Fidelio* de Beethoven. Grava em exclusivo para a Harmonia Mundi e os seus registos têm sido unanimemente elogiados a nível internacional.

Stéphane Degout

Stéphane Degout estudou no Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon e foi membro da Ópera de Lyon. Estreou-se no Festival d'Aix-en-Provence em 1999. Desde então, apresentou-se na Ópera de Paris, na Royal Opera House - Covent Garden, na Staatsoper Berlin, no Théâtre de la Monnaie, no Theater an der Wien, na Ópera Lírica de Chicago, na Metropolitan Opera, no Scala de Milão, na Ópera da Baviera e nos festivais de Salzburgo, Glyndebourne e Ravinia. O seu repertório inclui *Hippolyte et Aricie* (Thésée), *Alceste* (Hercule), *Iphigénie en Tauride* (Oreste), *As bodas de Figaro* (Conde Almaviva), *Faust* (Valentin), *Le comte Ory* (Raimbaud), *Tannhäuser* (Wolfram), *Werther* (Albert), *Don Carlos* (Rodrigue), *Les Troyens* (Chorèbe), *L'Orfeo* e *Il ritorno d'Ulisse in Patria* de Monteverdi e *Pelléas et Mélisande* de Debussy. A sua dedicação permitiu-lhe estrear papéis operáticos em obras como *La Dispute*, de B. Mernier, e *Au Monde* e *Pinocchio* de P. Boesmans. Recentemente, interpretou O Rei numa nova produção de *Lessons in Love and Violence* de G. Benjamin. Stéphane Degout é também reconhecido pelas suas interpretações da *mélodie* francesa e do *Lied* alemão. Para além de várias gravações de ópera em DVD, gravou CDs para a B Records (*Histoires Naturelles*) e para a Harmonia Mundi (*Enfers*, *Harmonie du Soir* e *Les Nuits d'été*), todos eles premiados. Em 2012 foi-lhe atribuído em França o título honorífico *Chevalier des Arts et des Lettres*, em reconhecimento do seu significativo contributo para o enriquecimento da herança cultural francesa. Em 2012 e 2019 foi nomeado “Artista Lírico do Ano” nos prémios *Victoires de la Musique Classique*.

Judith Fa

Judith Fa estudou no Conservatório de Amsterdão e ingressou posteriormente na Academia da Ópera Nacional dos Países Baixos. Trabalha atualmente com Elène Golgevit. Em 2018 interpretou Eurydice, no espetáculo *Orfeo & Majnun*, no La Monnaie / De Munt e no Festival d'Aix-en-Provence. Posteriormente assumiu o papel principal em *Erismena* de Cavalli, sob a direção de L. G. Alarcón, no Grand Théâtre du Luxembourg. Outras atuações incluíram: Susanna, em *As bodas de Figaro*, na Ópera de Massy; Eurídice, em *Une Petite Balade aux enfers*, na Opéra-Comique; e Noémie, em *Cendrillon* de Massenet, na Ópera Nacional da Lorena. As qualidades musicais de Judith Fa permitem-lhe abordar um repertório muito variado, nomeadamente o contemporâneo: *Les Contes de la lune vague après la pluie*, uma encenação de V. Huguet, para a Opéra-Comique; *En Silence*, de A. Desplat, em digressão ao Japão; o papel de Antígona, em *Hémon* de Z. Moulkata, na Ópera Nacional do Reno. Estreou *Cabaret Horrific*, na Opéra-Comique, com Valérie Lesort e Lionel Peintre. Apresenta-se também com regularidade em recital. Mais recentemente, regressou ao papel de Caecilia, no espetáculo *Trois femmes*, com o ensemble Correspondances e encenação de V. Huguet. Cantou também a Segunda Sobrinha, em *Peter Grimes* de Britten, na Ópera de Avignon, e Frasquita, em *Carmen* de Bizet, na Ópera Nacional do Reno. Na presente temporada, interpreta o papel de Audrey, em *Petite Boutique des Horreurs*, na Opéra-Comique e na Ópera de Dijon, e colabora nos concertos *Mein Traum*, sob a direção de Raphaël Pichon. Retoma também *La Petite balade aux enfers*, de Valérie Lesort, na Ópera de Tours.

Bertrand Couderc

Bertrand Couderc assina a autoria da iluminação de muitos espetáculos de teatro e ópera, levados à cena em prestigiados palcos como a Staatoper Berlin, o Teatro Real de Madrid, a Wiener Staatsoper, a Ópera Nacional de Paris, o Scala de Milão ou os festivais de Salzburgo e de Aix-en-Provence. Em 2015 associou-se a Bartabas e à Academia Equestre de Versalhes para as coreografias de *David penitente*, do *Requiem* no Felsenreitschule de Salzburgo, e mais recentemente, de *A Sagração da Primavera* na Seine Musicale. Colabora também com o encenador Vincent Huguet e com Eric Ruf no domínio do teatro (*Romeu e Julieta*, *A Vida de Galileu* e *Bajazet*) e da ópera (*Pelléas et Mélisande*, no Théâtre des Champs-Élysées, e *Romeu e Julieta*, na Opéra-Comique). Fiel colaborador de Raphaël Pichon e do ensemble Pygmalion, Couderc criou a iluminação para *Funérailles de Louis XIV*, na Capela Real do Palácio de Versalhes, para a *Paixão segundo São João* de Bach, na Philharmonie de Paris, para as *Vesperas* de Monteverdi (2019, em Versalhes) e para *Mein Traum*. No festival *Pulsations 2020*, trabalhou em *Dido e Eneias*, *La Descente d'Orphée* e *Immersion*s. Outros trabalhos recentes incluíram *Manon*, na Ópera Nacional de Paris, *La Vie Parisienne*, no Théâtre des Champs-Élysées, *Les Eclairs*, na Opéra-Comique, *Anna Bolena*, no Scala de Milão, *Boris Godounov*, na Ópera de Monte-Carlo, e *A mulher sem sombra*, em Viena. Bertrand Couderc foi laureado no domínio do teatro com a bolsa *Hors-les-Murs* do Institut Français 2017, pelo seu projeto *L'esprit du vide*, no Japão.

Pygmalion

Pygmalion inclui um coro e uma orquestra em instrumentos de época e foi fundado por Raphaël Pichon em 2006. Explora as filiações que ligam Bach a Mendelssohn, Schütz a Brahms ou Rameau a Gluck e Berlioz. Paralelamente à reinterpretação das grandes obras (*Paixões* de J. S. Bach, *tragédies lyriques* de Rameau, Grande missa em Dó menor de Mozart, *Elias* de Mendelssohn ou *Vésperas* de Monteverdi), Pygmalion propõe programas originais que destacam as ligações entre as obras e que recuperam o espírito da sua criação: *Mozart & The Weber Sisters*; *Miranda*, com música de Purcell; *Stravaganza d'Amore!*, que evoca o nascimento da ópera na corte dos Medici; *Enfers*, com Stéphane Degout; o ciclo *Bach en 7 paroles*, na Philharmonie de Paris; *Libertà!*, que recua às origens do *dramma giocoso* mozartiano. Em residência na Ópera Nacional de Bordéus, nos últimos anos tem protagonizado temporadas de concertos de música de câmara e de *ateliers* pedagógicos gratuitos e abertos a todos: o *Kiosque Pygmalion*. Pygmalion apresenta-se com regularidade nos mais prestigiados palcos franceses e internacionais. Grava para a editora Harmonia Mundi desde 2014, tendo a sua discografia sido distinguida com os prémios *Victoires de la musique Classique*, *Choc de Classica*, *Gramophone Award*, *Diapason d'or* ou *Preis der Schallplattenkritik*, entre muitos outros. Pygmalion tem o apoio da Direction régionale des affaires culturelles de Nouvelle-Aquitaine, da cidade de Bordéus e do Centre national de la Musique. Ensemble associado da Opéra-Comique (2020-2022), é também apoiado pelo Château Haut-Bailly, mecenas honorário do ensemble, e pela Fondation d'entreprise Société Générale C'est vous l'avenir. Em 2021-2022, Pygmalion e Raphaël Pichon cumpriram uma residência na Philharmonie de Essen.

Coro

SOPRANOS
Ulrike Barth
Armelle Cardot
Camille Chopin
Cécile Dalmon
Judith Fa
Ellen Giacone
Nadia Lavoyer
Lucie Minaudier
Agathe Peyrat
Marie Planinsek

CONTRALTOS
Corinne Bahuaud
Anne Lou Bissières
Clotilde Cantau
Jean-Christophe Clair
Anouk Defontenay
Alice Habellion
Yann Rolland
Clémence Vidal

Orquestra

VIOLINOS 1

Martyna Pastuszka
Aude Caulé-Lefèvre
Helena Druwé
Julie Friez
Izleh Henry
Sue-Ying Koang
Adam Pastuszka
Claire Sottovia
Yukiko Tezuka

VIOLINOS 2

Louis Creac'h
Paul-Marie Beauny
Alix Boivert
Anne Camillo
Gabriel Ferry
Charles-Étienne Marchand
Raphaëlle Pacault
David Wish

VIOLAS

Fanny Paccoud
Delphine Blanc
Diane Chmela
Aya Murakami
Elisabeth Sordia
Pierre Vallet

VIOLONCELOS

Julien Barre
Thomas Duran
Nicolas Fritot
Jean-Lou Loger
Lucile Perrin
Antoine Touche

CONTRABAIXOS

Yann Dubost
Hugo Abraham
Gautier Blondel
Luděk Braný

FLAUTAS

Georgia Browne
Raquel Martorell Dorta

OBOÉS

Jasu Moisio
Lidewei de Sterck

CLARINETES

Nicola Boud
Fiona Mitchell

FAGOTES

Javier Zafrá
Josep Casadella

TROMPAS

Anneke Scott
Martin Lawrence
Joseph Walters
Peter Moutoussis

TROMPETES

Emmanuel Mure
Philippe Genestier

TROMBONES

Arnaud Brétécher
Rémi Lécorché
Vincent Brard

TIMBALES

Koen Plaetinck

HARPA

Anaïs Gaudemard

23 out 22

DOMINGO 18:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Il Giardino Armonico

Giovanni Antonini Direção Musical / Flautas

Stefano Barneschi Violino

Marco Bianchi Violino

Paolo Beschi Violoncelo

Riccardo Doni Cravo

Antonio Vivaldi , Tarquinio Merula,
Dario Castello, Francesco Rognoni,
Jacob van Eyck, Andrea Falconieri,
Gioan Pietro Del Buono, Alessandro
Scarlatti, Giovanni Legrenzi



GIOVANNI ANTONINI © MARCO BORGREVE

29 out 22

SÁBADO 18:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Met Opera

Medeia

Carlo Rizzi Maestro

David McVicar Produção

Elenco

Sondra Radvanovsky

Janai Brugger

Ekaterina Gubanova

Matthew Polenzani

Michele Pertusi

Transmissão em diferido



ALEXANDRA DOVGAN © DR

28 out 22

SEXTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Ciclo de Piano

Alexandra Dovgan

Schubert, Schumann, Brahms

30 out 22

DOMINGO 12:00 / 17:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Concertos de Domingo

Concerto para Piano de Ravel

Orquestra Gulbenkian

Tarmo Peltokoski Maestro

Miguel Borges Coelho Piano

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

500 Exemplares
PREÇO: 2 €

Lisboa,
Outubro 2022

